

Homeopatia: Uma Terapêutica Não Convencional

Fátima Luzio, Carlos Ferreira *



Samuel Hahnemann

Perante a eclosão de múltiplas terapêuticas, e atentos aos novos paradigmas sociais, os autores, contribuindo para o conhecimento e desmistificação da homeopatia, apresentam à comunidade um recurso disponível a que pode recorrer aquando da procura de resposta para alguns problemas de saúde.

Introdução

Sabemos através de documentos mais remotos, que o Homem tem procurado obter resposta para os problemas com que se tem deparado, inclusive os que se relacionam com as alterações de saúde. Através do legado histórico das civilizações mais antigas (China, Índia, Grécia, Roma e Egipto, entre outras), são-nos dadas a conhecer informações preciosas, sobre a listagem das plantas, minerais e animais, bem como das várias combinações que iam fazendo entre eles, à medida que lhes reconheciam características curativas (POLUNIN e ROBBINS, 1993).

Com o desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente a nível da química, a farmacopeia alopática deixou praticamente de utilizar os produtos naturais. Contudo, nos últimos

anos, apesar de se reconhecerem os inúmeros benefícios decorrentes do avanço da terapêutica alopática, começou a despertar em toda o mundo, o interesse pelas terapêuticas naturais e holísticas, entre as quais se integra a homeopatia

Significado do vocábulo Homeopatia

O vocábulo homeopatia remonta às raízes gregas, *homo* ou *homio* e *pathos*. *Homio* significa semelhante ou similar e *pathos* significa sofrimento. Pela reunião dos dois termos (*homio* + *pathos*) obtêm-se assim “semelhante ao sofrimento”. Daí que a terapia homeopática, no tratamento do doente, use vulgarmente o agente que numa situação de saúde desencadearia os efeitos semelhantes aos da doença (CLOVER, 1993).

* Enfermeiros, Professores Adjuntos da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

Aparecimento da Homeopatia

A homeopatia surge com Samuel Hahnemann (1755-1843), médico e químico alemão, que desiludido com a prática clínica da época, excessivamente invasiva (sangrias, amputações, trepanações,...), decidiu ocupar grande parte do seu tempo, na descoberta de um método terapêutico mais suave. Então, ao traduzir um artigo inglês sobre o uso da quina, vulgarmente usada no tratamento da malária, surgiu-lhe a ideia de a experimentar. Começou por ingerir pequenas quantidades da referida casca, o que rapidamente lhe provocou palpitações, sonolência, febre alternada com arrepios e sudorese. Assim que suspendeu a toma, a sintomatologia desapareceu completamente (CHAPPELL e ANDREWS, 1997).

Hahnemann tinha encontrado a “china” ou quina, a partir da casca seca da quineira (árvore das regiões altas dos Andes da América do Sul), o que lhe permitiu formular a lei dos semelhantes, ou seja, o que provoca a doença também pode tratá-la. Assim, à medida que Hahnemann prosseguia com as suas experiências, socorrendo-se de amigos e pessoas interessadas em servir de “cobaias”, registava todas as ocorrências, o que lhe permitiu apresentar a filosofia básica da homeopatia, no “Organon”, publicado pela primeira vez em 1810, tido ainda hoje como a bíblia dos homeopatas (CHAPPELL e ANDREWS, 1997).

Proveniência, preparação e apresentação dos fármacos homeopáticos

É numerosa a variedade de produtos homeopáticos, cerca de três mil, provenientes essencialmente do reino vegetal, mineral e animal. Como exemplo referimos:

- Allium cepa - extraído da cebola vermelha;
- Aurum metallicum - proveniente do ouro;
- Lachesis trigonocephalus - preparado a partir do veneno da serpente lachesis trigonocephalus, conhecida por surucucu.

Os produtos depois de colhidos, seleccionados e preparados, são submetidos a maceração em álcool, durante 21 dias, a fim de ser obtida a tintura mãe. Depois desta operação, uma gota ou um grama desse produto é filtrado e adicionado a noventa e nove gotas ou 99 gramas de álcool e submetido a uma agitação enérgica, a fim de se obter a primeira diluição centesimal, ou seja, 1CH. Repete-se o procedimento para as diluições pretendidas, sendo as mais comercializadas 5 CH, 6 CH, 15CH, 30 CH, 200 CH e 1000 CH (MARQUES, 1999).

Os fármacos podem apresentar-se sob a fórmula de grânulos, gotas, ampolas, pomadas e supositórios.

Interesse e aceitação da homeopatia

Aos profissionais da saúde interessa saber que entre a grande variedade de terapêuticas naturais, a homeopatia, pode ser usada isolada ou em complemento com outras terapêuticas.

A homeopatia encontra-se divulgada praticamente em todo o mundo, sem que contudo a sua utilização seja aceite pacificamente, embora em alguns países haja associações próprias e formação em universidades e institutos. Em Portugal há duas escolas a leccionar nesta área, fazendo parte do corpo docente elementos da Associação Portuguesa de Homeopatia, sendo o seu Presidente um médico ortopedista.

Os países onde esta terapêutica se encontra mais difundida, tanto a nível humano como veterinário, são: Alemanha, Inglaterra, França, Suíça, Itália, África do Sul, Espanha e Portugal.

No nosso país, a homeopatia só foi oficializada em 9 de Maio de 1995, através do Decreto-Lei nº 94/95, por força da directiva nº 92/73, de 22 de Setembro de 1992. O referido decreto aprova o regime jurídico da introdução no mercado, do fabrico, comercialização, rotulagem e publicação dos produtos homeopáticos para uso humano. Em Agosto de 1997 é aprovado em Decreto-Lei o uso veterinário da homeopatia (FERREIRA e LUZIO, 1996).

Nos países onde a homeopatia é oficialmente reconhecida, se o homeopata possuir licenciatura em medicina, tanto a consulta como os fármacos são compartilhados.

Princípios a observar na toma da medicação

Quando o fármaco for tomado por via oral, deve estar cerca de dois minutos em contacto com a mucosa sublingual, a fim de ser rapidamente absorvido. Neste caso, é obrigatório que a boca se encontre limpa de alimentos, café, álcool, chocolate, mentol, tabaco, produtos de higiene e outros fármacos.

Se estão a ser tomados outros fármacos homeopáticos, salvo indicação médica, deve ser respeitado um intervalo de 60 minutos entre as tomas e 90 minutos se os fármacos pertencem a outra farmacopeia, como a alopática.

Salvo indicação médica, os fármacos homeopáticos devem ser tomados em jejum; 15 a 30 minutos antes das refeições; 90 minutos ou mais, após as mesmas.

Conclusão

Ao concluirmos esta breve abordagem sobre tão vasto tema, convém referir que, tanto esta como qualquer outra terapêutica não convencional, não são panaceia, contudo, isoladamente ou em associação com outras terapêuticas, ela tem-se

revelado eficaz ou suavizadora de muitos distúrbios.

Assim, e aceitando que quanto mais aprendemos, mais constatamos que muito mais temos a aprender, esperamos ter estimulado os leitores à pesquisa, através dos vários meios disponíveis, a fim de poder separar-se o trigo do joio que, em nossa opinião, só se materializará pela via do conhecimento, pois discursar ou orientar sobre aquilo que se desconhece não é uma postura digna nem inteligente.

Aceitando os desafios que globalmente estão a ser feitos à Humanidade, na perspectiva do próximo milénio, esperamos profundamente que decorrente da mudança de mentalidades e atitudes, o novo Sistema Nacional de Saúde nos disponibilize as terapêuticas a que temos direito.

Bibliografia

CHAPPELL, Peter; ANDREWS, David – *A cura pela homeopatia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1997.

CLOVER, Anne – *Homeopatia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

FERREIRA, Carlos; LUZIO, Fátima – *Terapêuticas complementares: um contributo para a divulgação da homeopatia*. Coimbra, 1996.

MARQUES, Maria – Homeopatia. *Super Interessante* Linda-a-Velha, nº13, Maio de 1999. pp. 40-46

POLUNIN, Miriam; ROBBINS, Christopher – *A farmácia natural*. Lisboa: Círculo de leitores, 1993.